

**Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação**

SCHILLER

Obra executada nas oficinas da
Sociedade Propagadora Esdeva - Lar Católico
Caixa Postal 73 - Juiz de Fora - Minas

1971

**Maria
Stuart**

CET



“Nada pode ser mais indigno do ponto-de-vista humano, do que ter de suportar a prepotência; pois a prepotência elimina o caráter humano. Quem a exerce põe em dúvida nada menos que a humanidade; quem a atura, despoja-se da essência humana!”

(Schiller.)

a
sociedade cultural brasil-alemanha
de juiz de fora

congratula-se com o grupo divulgação
pela encenação do grande
dramaturgo germânico.
rua braz bernardino, 73 — térreo.

ótica líder

galeria bruno barbosa, 33 - tel. 2-0545
pela sua preferência: retribuimos
com bom serviço.

Schiller e o teatro alemão

O classicismo alemão define-se como uma literatura do idealismo. A literatura clássica visava à tranqüilidade do ser bom e belo e, de vez que algumas das obras principais proclamavam como meta suprema a humanidade a serviço de todo o universo e a harmonia perfeita entre a razão e os sentimentos, é esta época também considerada o período do humanismo. Seu valor ético fundamenta-se na capacidade de superar a natureza do íntimo e, assim, tornar-se um verdadeiro "ser humano".

"Da força, que algema todos os indivíduos, liberta-se aquele que consegue superar-se", afirma Goethe.

Opondo-se ao racionalismo exagerado do Iluminismo, o classicismo restabeleceu os ideais. Os símbolos a indicar a diretriz da existência são agora o Bom, o Verdadeiro, o Belo; e o indivíduo volta a crer no princípio da autodeterminação, reconhecendo, porém, a força imensa da ética e da cultura. A natureza parece-lhe um extenso domínio, excelentemente ordenado, sem qualquer prepotência ou força, e o universo todo é sentido como harmoniosa unidade, a debelar todas e quaisquer desarmonias. A rebelião rousseauniana contra a cultura é substituída pela glorificação cultural, cuidando o autor clássico de amoldar-se, adaptar-se à sociedade reconhecendo o ideal humanista. Este é o idealismo clássico dividido por H. A. Korff, no idealismo da natureza de Goethe e Herder e no idealismo da razão de Schiller e Kant.

A partir de 1792 aprofundou-se Friedrich Schiller no estudo de Kant, vindo a ser um dos poucos grandes autores literários a alcançar expressão também no campo da filosofia.

Nos anos posteriores a 1796, porém, volta às suas atividades literárias abandonando os ensaios filosóficos. Desenvolve de forma toda especial o drama clássico, que, com seu modo de encarar a antiguidade grega, atinge uma harmonia até então jamais alcançada em forma e conteúdo, devolvendo-lhe a unidade desaparecida sem tirar-lhe a comoção e a movimentação.

A função do drama clássico, segundo Goethe e Schiller é tratar de temas de significado permanente. Enquanto Goethe debate a questão da convivência do gênio na sociedade e externa sua crença na humanidade em "Ifigênia", Schiller, em suas tragédias, procura dar explanações gerais, baseadas em temas históricos. Focalizam o destino heróico, excepcional, não necessariamente importante para o transcorrer histórico, mas para a ilustração de determinada faceta da existência.

Seus problemas, quase sempre da autonomia humana, da individualidade poderosa, de caráter e destino, de pecado e redenção, são imperecíveis. Continuamente nos deparamos com a procura de formulações de validade geral, tal como aconteceu também no teatro grego.

Nós temos o prazer de concorrer para a cultura.

Somos vários cursos pré-vestibulares e convênios de 3.º científico, além de uma editora.

CONHEÇA-NOS

CAVE ENGENHARIA

CAVEME MEDICINA

CAVE EDITÔRA LIVROS DIDÁTICOS

UMA ORGANIZAÇÃO A SERVIÇO
DO
INTELECTO HUMANO.

Rua Espírito Santo, 1227 - Juiz de Fora

Schiller é, sem dúvida nenhuma, o mais destacado entre os dramaturgos clássicos alemães, não por submeter-se estritamente às regras deste movimento, mas por transformar, realmente, o teatro alemão, emprestando-lhe a ambicionada síntese do bom, do belo e do verdadeiro.

Digno de ser especialmente focalizado, é "Maria Stuart", provavelmente o mais perfeito drama clássico em língua alemã. Escrito entre 1799 e 1800, quando Schiller tinha já 40 anos, afirmou o poeta referindo-se à tragédia: "Finalmente começo a tomar consciência do órgão dramático e a entender o meu ofício."

Na realidade, chegou então ao cume da perfeição formal, já pela maneira com que apresenta os eventos. De acordo com os preceitos de Eurípedes, é a personagem principal membro da família real. Ao iniciar-se a peça, já teria sido pronunciada a sentença de morte, sendo a heroína vista a expiar crimes muito antigos, embora se tivesse elevado, eticamente, a partir de então, muito acima do nível, não apenas de seu passado, mas também de seus juizes. Assim, o que prende a atenção dos espectadores, comovendo-os ao mesmo tempo, é a altura espiritual e a disposição psíquica da condenada. Os eventos históricos são utilizados apenas como pano-de-fundo para toda a ação. Maria Stuart (da Escócia) fugira de uma revolta e veio procurar proteção na corte de Elizabeth, da Inglaterra. Mas esta teme Maria, a quem considera como rainha, uma adversária politicamente hábil, ao mesmo tempo que — enquanto mulher — odeia a rival, mais bela e mais graciosa.

Também Elizabeth, cujas paixões secretas são muito mais censuráveis que os arroubos passados da rainha escocesa, exala uma atmosfera trágica. Cada passo que Maria quer dar em direção à ambicionada salvação, leva-a mais para perto

do cadafalso. O ponto culminante do drama é o encontro das duas Rainhas, depois do qual a morte da soberana escocesa se afigura inevitável. Esse encontro nunca se realizou na vida real, Schiller inventa-o para mostrar a grandeza de sua heroína que sela seu próprio destino para não se dobrar à ironia e ao menosprezo daquela, cuja proteção buscara. Enquanto resolve acatar finalmente a injusta condenação por motivos políticos, como expiação de suas faltas pessoais, glorificando a morte como acesso à liberdade é Elizabeth levada a continuar vivendo em um isolamento terrível, mais funesto que a própria morte.

Tal como fizera também em "Wallenstein", drama da Guerra dos Trinta Anos, Schiller comprime aqui os fatos históricos. A prisão de Maria Stuart, que, na realidade, se estendeu por dezenove anos, é reduzida a apenas sete anos; o processo, que durou três meses, é comprimido a três dias, enquanto a Rainha Elizabeth é rejuvenescida em vinte e cinco anos e Maria Stuart em vinte anos. No drama, põe Schiller em prática aquilo que dissera em "A Respeito do Sublime": "Nada pode ser mais indigno do ponto-de-vista humano do que ter de suportar a prepotência; pois a propotência elimina o caráter humano. Quem a exerce põe em dúvida nada menos do que a humanidade: quem a atura, despoja-se da essência humana!"

Esta "humanitas" é o ideal supremo que cultuou durante toda a sua vida, aperfeiçoando-a de obra para obra, sendo os últimos versos de sua pena, em "Demétrius", obra inacabada, representativos para toda a sua procura da essência superior:

"Ó por que me encontro aqui constrangido, atado, premido, a despeito do sentimento ilimitado!"

Rosenthal, Erwin Theodor

primavera é com a
delmonte
marechal deodoro, 539

perfumaria netto

não tem nem deixou filial.

galeria central, 18

rute pedicure

tratamento de calos, calosidades
e unhas encravadas.

gal. constança valadares, 1.º andar
sala 205.

Friedrich von Schiller

(1759-1805)

O poeta predileto do povo alemão teve uma vida cheia de lutas, porém alegre. Ele sempre conquistou o coração de seu povo através de seu ímpeto idealista e de sua seriedade moral, que tornou-se, para ele, um apoio nos tempos difíceis.

Johann Christoph Friedrich von Schiller nasceu a 10 de novembro de 1759, em Marbach/Württemberg, e cresceu sob a dedicada proteção dos seus pais. Por ordem do soberano Karl Eugen estudou na Academia Militar de Stuttgart e, mais tarde, fez estudos de Medicina e Direito. Em 1782, o jovem médico do Regimento fugiu de Stuttgart, pois a poesia lhe havia sido proibida. Um intranquilo período de viagens o conduziu a Mannheim, Bauerbach, Leipzig, Dresden e Weimar. Karl Augusts Gunst tornou-o professor de História em Jena, no ano de 1789. O profundo estudo da filosofia de Kant, que lhe despertou a idéia da liberdade moral, dividiu o trabalho de Schiller em duas metades distintas. O período em que ele mais produziu foi, exatamente, quando de sua amizade com Goethe, a partir de 1794. A morte sobreveio-lhe a 9 de maio de 1805 na cidade de Weimar.

As primeiras atividades poéticas de Schiller mostram muitos traços de ligação com o "Sturm und Drang". Com a apresentação de sua peça "Die Rauber" (Os

Bandidos), em janeiro de 1782, ele tornou-se imediatamente conhecido, pois suas alusões à época tinham muito de romântico e sentimental rompendo, com isso, as pontes de ligação com o passado clássico. Depois escreveu a tragédia "Die Verschwörung des Fiesko in Genua" (Fiesco de Gênova), seguida pela grande tragédia burguesa "Kabale und Liebe" (Intriga e Amor). Ambas as tragédias apareceram, respectivamente, em 1783 e 1784. Uma pesada transformação de combatente em artista e uma purificação de seus pensamentos e concepções sobre Liberdade em "Dom Carlos" (1787) encerraram seus anos de viagem.

Schiller foi também um grande estudioso de história, e seus estudos e pesquisas nesse campo, ainda que ultrapassados, mostram o autor cuidadoso com a construção da forma narrativa e com uma linguagem bem elaborada. Deixou duas obras perfeitas de pesquisa histórica: "Geschichte des Abfalls der Vereinigten Niederland" (História da Insurreição dos Países Baixos) e "Geschichte des Dreißigjährigen Krieges" (História da Guerra dos 30 Anos). O seu estilo e interpretação influenciaram bastante os historiadores do século XIX. A linguagem nobre e a profundidade de pensamento são encontradas não só em suas pequenas re-

dações históricas como também em seus escritos estético-filosóficos (“Cartas sobre a Educação Estética do Homem” — “Sobre a Poesia Ingênua e Sentimental”).

A troca de idéias com Goethe reconduziu Schiller aos caminhos da Poesia. Carregadas de tensão emocional e penetradas de idéias morais são suas grandes Baladas: “Pobreza e Dignidade”, “O Conde de Habsburgo”, “A Luta com o Dragão” e outras. Suas concepções sociais, culturais e históricas, às vezes excessivamente doutrinárias, são poeticamente perfeitas.

A rica vida dramática, presente em suas Baladas, tornou sua natureza poética verdadeira, purificada, grandiosa. Poucos autores conseguiram o domínio das possibilidades do palco como Schiller. A trilogia poética denominada “Wallenstein”, de 1799, pode ser considerada uma obra-prima de sua criação poética. É a primeira grande tragédia histórica da nossa literatura ocidental. Sobre ela diria Goethe: “é tão grande que em seu gênero nada existirá de semelhante pela segunda vez”. Em 1800 apareceriam dois modelos completos da tragédia romântica, ou seja, a famosa “Maria Stuart”, seguida pela não menos famosa “Donzela de Orleans”, esta última estreada em 1801. Aprofundando-se no conhecimento do drama clássico grego, Schiller escreveria a “Noiva de Messina” que não passou de uma experiência frustrada. Em 1804, a conhecidíssima obra “Guilherme Tell” alcançaria sucesso principalmente, anos depois, com a versão operística de Rossini. Antes que pudesse concluir o “Demetrius”, que prenunciava uma grandiosidade poucas vezes atingida, a morte arrebatou-lhe a pena da mão. Estávamos, então, no ano de 1805.

(Stephan Ankerbrand.)

Schiller na visão de Bandeira

Bem conhecida é a evolução de Schiller no seu teatro, passando do drama revolucionário ao drama histórico, ao drama burguês, ao drama ideológico, para, afinal, em sua madureza, elevar-se ao drama de grandes conflitos individuais inseridos num fundo histórico, e moralmente exaltando a purificação interior da consciência que triunfa sobre a fúria cega dos instintos. O drama “Maria Stuart” é uma das obras-primas desta última fase.

A peça foi começada no ano de 1799, tinha o autor quarenta anos, e concluída no ano seguinte. O assunto empolgava-o. “À medida que prossigo na execução”, escrevia ele a Goethe, “me persuado, cada dia mais, da qualidade trágica do meu assunto, e quero dizer com isso muito especialmente que se percebe a catástrofe desde as primeiras cenas, e que quanto mais parece a ação refugi-la, mais, ao contrário, se aproxima dela com movimento ininterrupto. Haverá no drama, até à saciedade, aquele terror que Aristóteles reclama, e quanto à piedade, encontrá-la-ão também. A minha Maria não provocará o enternecimento, não está isso em minhas intenções, quero tratá-la do começo ao fim

como uma criatura de instintos naturais, e o patético que ela produzirá terá antes as características de uma emoção profunda de natureza geral do que as de uma simpatia pessoal a um indivíduo. Não desperta em ninguém nada que se pareça com sentimentalidade; o seu destino é sentir por conta própria e desencadear em torno de si paixões violentas. Só : sua ama sente por ela o que se chama ternura.”

Embora tenha Schiller lido abundantemente toda a literatura histórica relativa a desgraçada rainha escocesa, como não era seu propósito escrever uma tragédia histórica, mas suscitar a emoção mediante o patético conflito entre Elizabeth e a Stuart, poderosamente evocadas em seus respectivos dramas interiores, tomou o poeta grandes liberdades no tratamento histórico de seus personagens e dos episódios que formam a trama do enredo. Assim, a personagem Mortimer, exasperadamente romântica (e nisto o antigo “Stuerner und Draenger” ainda sobrevivia intacto), é invenção total do poeta. Outras personagens, com serem históricas aparecem na tragédia deslocadas de sua verdadeira cronologia ou psicologicamente deturpadas. Do Cardeal de

Lorena, Carlos de Guise, falecido em 1574, se lê na peça uma carta escrita em 1587, ano de execução da Stuart. Em relação à execução, cumpre advertir que Maria, condenada em outubro de 1586, só foi executada em fevereiro do ano seguinte: êsses quatro meses de interstício foram reduzidos a três dias na afabulação da tragédia. Elizabeth ficara noiva do duque de Anjou em 1579, e o noivado foi rompido em 1581, portanto dez anos antes das negociações de que se fala no segundo ato da tragédia. Outra invenção do poeta é o recíproco amor de Maria e Leicester. Muito alterada foi a figura de Talbot, conde de Shrewsbury, que aparece na tragédia como intercedendo pela escocesa e, sacrificada esta, furtando-se a continuar servindo a Elizabeth, quanto na verdade histórica permaneceu servidor fidelíssimo da rainha. Citamos apenas alguns casos de inexatidão, a todos os quais foi Schiller levado, não por ignorância, mas por conveniências artísticas, já que o que lhe interessava não era a história, mas o drama.

E êste saiu-lhe realmente magnífico em seu poder de sacudir as platéias no frêmito daquele terror e piedade a que ê se referiu na carta a Goethe. Século e meio depois de representado pela primeira vez, ainda mantém o mesmo prestígio sobre o público, não só na Alemanha como fora dela e em todo o mundo. É uma das obras-primas permanentes do teatro universal.

Manuel Bandeira.

sweet rio
exclusivamente moda masculina.
galeria epaminondas braga, n.º 1
juiz de fora.

“Maria Stuart segundo Décio de Almeida Prado”

“Maria Stuart” começa como um drama político, um quadro histórico traçado em torno de um desses acontecimentos que, embora de natureza predominantemente individual, tem o dom de repercutir com maior intensidade na consciência coletiva. A protagonista de toda esta parte da peça não é a vítima, mas o algoz, não é a Rainha da Escócia mas, ao contrário, a da Inglaterra, sobre a qual pesa o ônus de grande decisão. Elizabeth gostaria de se ver livre de sua rival, mas não tem forças para assumir diretamente a responsabilidade do ato: hesita, tergiversa, escuda-se em terceiros, procura em vão passar adiante o fardo da escolha, querendo recolher os frutos e não o encargo da condenação. É o problema do horror e do fascínio exercido pelo crime de Estado, executado por motivos superiores, polarizando os espíritos, dividindo-os em duas apaixonadas facções, tornando-se agudo e inadiável o desfecho violento. A peça retrata as hesitações do pensamento de Elizabeth, demora-se nesta complexa motivação política e psicológica, não querendo tanto comover como aclarar o conflito entre dois gêneros de deveres. O drama de Schiller, neste sentido não termina com a morte de Maria Stuart, como os espectadores apenas interessados no caso individual pensavam, prolonga-se através

de suas terríveis conseqüências sobre a consciência de Leicester, de Shrewsbury, e, principalmente, da própria rainha. A condenação dá fim a um processo mas inicia outro, em esfera mais alta. Eis o que Elizabeth nunca deixa de perceber, eis o que a impede de agir livremente, como deseja.

Enquanto Elizabeth percorre com relutância o caminho que leva da dúvida à ação. Maria Stuart evolui das coisas terrenas para as divinas. À medida que perde a partida no plano político, ganha-a no plano moral e religioso. Vitória, naturalmente, não sobre os outros, mas sobre si mesma, devido a um penoso processo de depuração espiritual. Quanto mais próxima está da morte, menos a merece — e menos a teme também, preparando-se para recebê-la com a serenidade que lhe advém da purgação de todas as suas graves faltas da mocidade. O momento da execução marca, num paradoxo muito comum à vida moral, o triunfo de Maria Stuart e a condenação de Elizabeth. Como na tragédia grega, em que Schiller se inspirou, a culpa expiada — e esta satisfação moral retira da peça qualquer travo de amargor ou de sentimentalismo. O que se afirma, acima de tudo, é uma certa justiça de ordem superior, no instante preciso em que falha a justiça dos homens.

castelândia

revendedor autorizado kodak

tudo para fotografia – revelações e ampliações em preto e branco e cores. Papéis e material fotográfico em geral. os melhores preços e... aquele serviço.

galeria pio x, 15

uai!

ótica

gal. belfort arantes, loja 1

telefone 2-1501



1967 – *Cancioneiro de Lampião* –
Melhor espetáculo de 1967.

Durante cinco anos nós temos feito teatro, promovido conferências, palestras, cursos e apresentações didáticas. Nosso princípio primeiro foi a divulgação de teatro no meio estudantil. Nós formamos um grupo, em sua maioria universitário, e nossos “milagres” têm sido conseguidos à custa de muito sacrifício.

Fazer teatro tem sido um ofício extremamente trabalhoso, mas a garra com que nos temos dedicado, tem gerado uma boa recompensa.

Iniciamos nossos trabalhos em 1966, no Diretório Acadêmico Tristão de Athaide, depois, fizemos uma série de leituras dramáticas. E daqueles encontros veio o conhecimento travado com textos e autores que muito nos ensinaram.



1967 – *O Urso*.

**Divulgação
ano 5:
o trabalho
que frutifica**

quem estuda sabe:
casa zappa ltda.
(livraria — papelaria — xerox)
gal. pio x — lojas 26 - 62 - 70

miami

artigos finos para presentes
rua halfeld, 733 — jf

jotta

especialistas em calçados
finos para senhoras — sob medida —
qualquer modelo — calçados fora de
série.

rua marechal deodoro, 360
galeria hallack — loja 17
telefone 2-5014, p/f.

Durante meses nós ensaiamos, costuramos, serramos madeira e pintamos cenários. Aqui é uma grande casa onde todos fazem tudo, sem distinção. O diretor de logo mais, é o faxineiro de agora. Nós achamos que isto nos tem dado um grande amadurecimento.

Lorca tem sido nosso guia fiel e, mirando nos exemplos de grandes homens de teatro como Sófocles, Tchekhov, Gorki, Molière, Ghelderode, Durrenmat e outros, temos nos esforçado muito para não parar de crescer.

Atingimos cerca de quinze

produções, o que dá em média, 3 espetáculos por ano. Nós achamos que é um bom nível, e gostaríamos de produzir mais ainda. De “Amor em verso e canção” a ESCURIAL, existem muitas noites em claro, muito suor na máquina de costura e no serrote; muito estudo e muita experimentação, em busca de um teatro limpo, honesto e, sobretudo, consciente.

O Grupo Divulgação acredita neste trabalho e pretende, utilizando a autocritica como bússola, continuar a mostrar textos, de grandes autores, a divulgar o teatro



1968 — Bodas de Sangue.

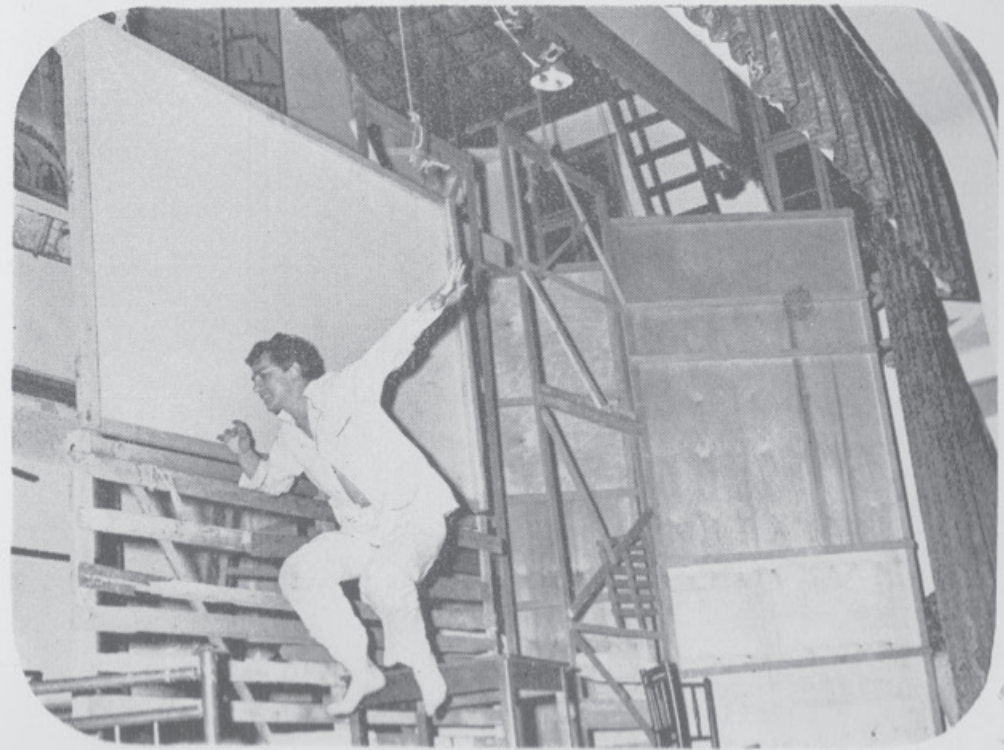
é tempo de grandes conquistas !
é tempo de apollo — o café —

ler para ver melhor!
literatura, didática e artes
livraria alvorada
galeria belfort arantes, 7

tele rádio e presentex
duas lojas para servir melhor!
▣ peças para rádios e televisores
▣ discos e artigos para presentes
gal. constança valadares, 12
halfeld, 652



1968 — Electra.



1969 — Diário de um louco.

abi-nasser
fios & máquinas

em tapeçaria

tece-lã

cirandinha

tricot & crochê

os melhores cursos da cidade

matriz :

floriano peixoto, 788 — tel. 2-5071

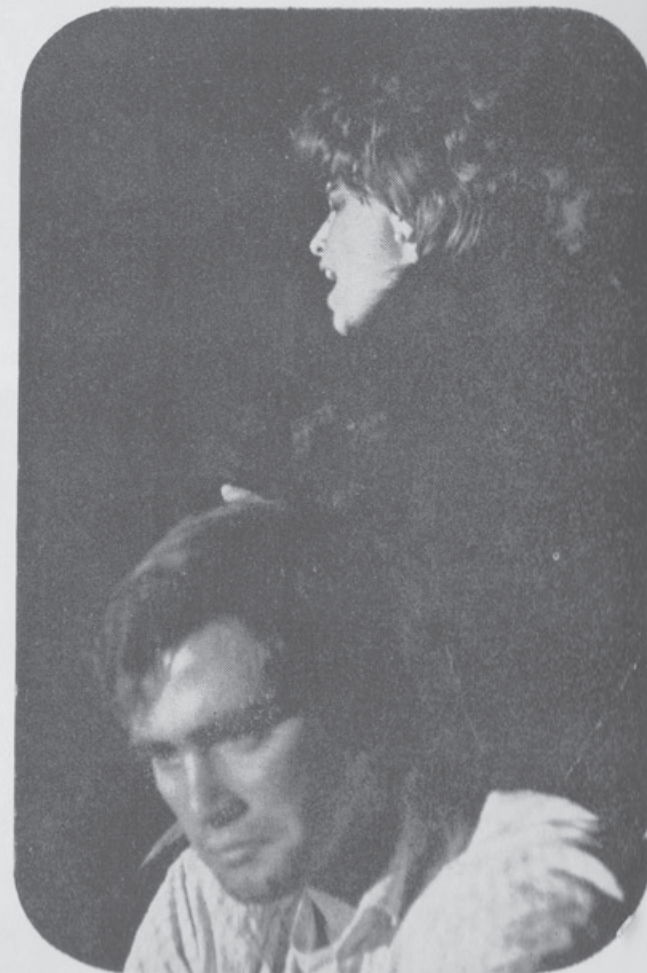
filial:

gal. ítala, loja 10 — tel. 2-6316



1969 — Pequenos Burgueses — Melhor espetáculo de 1969.

no meio estudantil e a trabalhar, cada vez mais, em benefício do teatro de universitários em nossa cidade. Hoje é Schiller, amanhã talvez um Büchner, um Shakespeare ou o eterno Lorca. Muito em breve iniciaremos o ciclo de autores brasileiros, o teatro infantil já está em nossos planos. Esperamos que Juiz de Fora saiba compreender o nosso trabalho que, apesar de ser árduo, é dignificante e altamente gratificante. Nossa vontade é rever o teatro vivo em nossa terra. Ao público, que foi uma constante em nossas casas, o nosso agradecimento. Esperamos continuar a mostrar nosso modesto trabalho e a recebê-lo, cada vez maior, a cada espetáculo.



1970 — A visita da velha senhora.



1970 — Escola de Mulheres — Melhor espetáculo de 1970



1971 — Escorial

Maria Stuart pelo grupo divulgação

Quando o Grupo Divulgação reuniu seus membros para mostrar o programa para 1971, ano do quinto aniversário de sua fundação, Maria Stuart era o texto mais arrojado.

Sua montagem era muito trabalhosa, cara e, segundo alguns, quase impossível de ser realizada por um elenco de estudantes.

“Escorial”, o primeiro texto escolhido, foi realizado com muita repercussão, por parte do público que procurou o Velho Forum. Ao encerrar-se a temporada, iniciamos, com muito afinho, os trabalhos de “Maria Stuart”.

Lucas Marques do Amaral, nosso figurinista e cenógrafo iniciou seu trabalho de pesquisa, e todo o elenco iniciou um trabalho, quase arqueológico, de pesquisa documental. Os textos foram feitos e as personagens começaram a nascer na sala do Conservatório Brasileiro de Música. Dentro de algum tempo, todos já discutiam os problemas ingleses, sua política e seu esplendor nos tempos da Rainha Virgem.

Os sábados e domingos foram dedicados, integralmente, à confecção de figurinos e, durante meses, a montagem foi, aos poucos, nascendo. A magnificência dos versos de Schiller empolgou-nos. A

beleza, o ritmo de certas cenas e o jogo cerebral de algumas falas nos deliciavam. O relicário das canções renascentistas inglesas foi procurado para dar ambiência. Optamos por Jacques Ibert, em sua Suite El'zabethana, pareceu-nos a medida certa, embora incorporássemos, ainda, outros autores.

O espetáculo, dentro de seu clima trágico, possui uma grandiosidade que já encontramos em “ELECTRA”. Isso nos animou. Dentro de algum tempo, começamos a nos integrar nesta mágica maravilhosa que se chama Teatro. O texto foi surgindo dentro dos versos de Manuel Bandeira.

Como em tudo em que acreditamos, colocamos fé no seu todo e vimos nascer, dentro de total liberdade de criação, a nossa visão de “Maria Stuart”.

O trabalho foi árduo; acredito que extremamente febril. Mas valeu a pena. Foi uma experiência viva que se acrescenta à nossa vivência e nos torna participantes da vida humana em seus mais importantes momentos.

Maria Stuart é um tratado sobre o poder e o uso dele. O tema se nos avizinha como uma fábula, muito próxima e tremendamente real.

José Luiz

AQUI V. VAI ENCONTRAR TÔDAS AS PORTAS ABERTAS.

Nós sabemos com quem estamos falando.
V., por exemplo, deve ser uma dessas pessoas que
já abriram tôdas as portas do sucesso. Ou quase tôdas.
E nós temos para v. o carro que também já
abriu tôdas as portas do sucesso.

Entre e olhe à vontade. Sente-se e fique mais
à vontade ainda: é VW 1600 TL-4 portas.

Um carrão para quem gosta de dirigir ou para
quem acha melhor ter motorista.

Tem a potência suficiente para v. sumir por esse
mundo afora.

Aliás, é disso mesmo que o TL gosta: rodar, rodar,
com seu motor plano de 65 HP e dois carburadores.

Um carro valente, com mecânica simples
e manutenção garantida.

Enfim, um carro digno da vida que v. pediu a Deus.

E aqui em nossa loja temos tôdas as portas
abertas para v. comprar o seu TL-4 portas.



VW 1600 TL-4 PORTAS

S. A. ESTABELECIMENTO CIAMPI

AVENIDA RUI BARBOSA, 487 — FONES: 2-4456 (Gerência)

— 2-1363 (Peça) — 2-1509 (Assistência Técnica).



REVENDEDOR
AUTORIZADO

sob os auspícios
da

UFJF e PMJF

o

Centro de Estudos Teatrais

promove

GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

"MARIA STUART"

Ana Kennedy
Amias Paulet
Maria Stuart, rainha de Escócia
Mortimer
Barão de Burleigh
Elizabeth, rainha de Inglaterra
Conde de L'Aubespine
George Taibot, Conde de Shwresbury
Conde de Leiscester
Davison
Oficial
Margarida Kurl, camareira
Alice, camareira
Gertrudes, camareira
Guarda
Guarda
Melvil
Xerife do Condado
Okely
contra-regra
som
iluminação
Cenários & Figurinos
texto
tradução
direção

Martha Sirimarco Guedes
Francisco Couto Teixeira
Lêa Clifford Kegele
Jairo Radhar Schmidt
Antônio Guedes
Malu Rocha Ribeiro
José Elias Deotti Ibrahim
Genival de Carvalho
Pedro Paulo Taucce
José Luiz
Josemir Eustáquio de Oliveira
Nelma Sandra G. Frões
Sônia Boechat
Sandra Emilia
Enio Rocha Barbosa
Glênio Sanchez Ferreira
Rogério Costa Dacorso
Christopher James Welna
José E. Deotti
Josemir
equipe divulgação
Lu Brandão
Lucas Marques do Amaral
Friedrich Schiller
Manuel Bandeira
José Luiz Ribeiro

AGRADECIMENTOS —

Universidade Federal de Juiz de Fora
Prefeitura Municipal de Juiz de Fora
Secretaria de Educação e Cultura
Sociedade Beneficente "Umberto I"
Conservatório Brasileiro de Música
Direção da Casa d'Itália
Canais de Comunicação
e a todos que compreendem que

"MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO."
(Lorca)

trabalhos apresentados
pelo

grupo divulgação

espetáculos antológicos :
amor em verso e canção
homem do século XX
antologia da mulher

apresentações didáticas :

morte e vida severina
coral universitário

outros espetáculos :

cancioneiro de lampião	— nerthan macêdo
o urso	— anton tchekhov
bodas de sangue	— federico garcía lorca
electra	— sófocles
diário de um louco	— nicolai gogol
pequenos burgueses	— máximo górkí
a visita da velha senhora	— friedrich dürrenmatt
escola de mulheres	— molière
escurial	— michel de ghelderode
maria stuart	— friedrich von schiller.